

Da academia ao terreno

No ano letivo 2004-05, o Prof. Paulo Pereira, responsável pela disciplina de História da Arquitetura Portuguesa (disciplina do 5º ano da então Licenciatura em Arquitetura, agora Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Minho), sugeria o Paço do Vitorino como um dos temas que me caberia acompanhar na parte prática da cadeira. Todos os anos, um conjunto de casos de estudo era proposto à turma para contato direto com construções de forte valor patrimonial, de modo a mediar o conteúdo das aulas teóricas, cujo arco cronológico se estendia do Paleolítico a Pombal, e a dimensão histórica do ambiente edificado.

Os estudos desenvolvidos nas aulas práticas vinham então evoluindo do território ao edifício, do religioso erudito ao lote habitacional, da arquitetura civil nobre à obra pública. A distribuição geográfica das propostas de estudo incidia no noroeste do território português, procurando uma integração e descoberta regional com epicentro na Universidade. Nesse ano em particular, os alunos foram convocados a desenvolver estudos em grupo em torno da temática da habitação nobre: casas, paços, solares ou palácios.

A paisagem norte-litoral portuguesa aparece pontuada por edifícios notáveis que se destinavam à habitação unifamiliar de nobres, fidalgos e senhores de terras para exploração agrícola e pecuária. Do conjunto tardo medieval, associado à simbólica militar, ao palácio construído com o ouro brasileiro, o território encontra-se, ainda hoje, parcelado por domínios rurais. Com estes trabalhos académicos pretendia-se contribuir para a caracterização desses mesmos núcleos rurais, com particular destaque para o edifício principal, bem como a realização de um estudo histórico-artístico. Deste modo, procurava-se seguir uma orientação que visasse o esclarecimento de algumas questões e conceitos: tipologias, percursos, distribuição de funções, caracterização artística, medidas, geometrias.

No fundo, perseguia-se uma investigação que evoluísse de um trabalho de campo (registo e levantamento) e de uma recolha documental (texto, cartografia, entrevista) para uma análise tipológica, morfológica e construtiva dos objetos, baseada numa forte componente gráfica, bem como para uma eventual investigação formal evolutiva e/ou comparativa. Por conseguinte, a observação dava lugar ao desenho, ferramenta nuclear na construção de hipóteses ou na obtenção de conclusões em arquitetura.

O tema da habitação colocava os alunos perante ainda outro desafio, relacionado com aspetos sociais e/ou analíticos: autorização de entrada; diálogo com proprietários; alterações profundas decorrentes da vivência do espaço. Foi com ânimo que a Susana, o Paulo, o Pedro e o Miguel escolheram o Paço do Vitorino das Donas para o seu trabalho anual da disciplina, e com perseverança que embarcaram para Ponte de Lima à sua descoberta. Um dos primeiros desafios consistia na realização de um levantamento métrico completo do conjunto, em parte devoluto, com vista à produção de desenhos rigorosos do estado atual de edifício principal e estruturas adjacentes. Pela primeira vez, o Paço do Vitorino ficava dotado de uma ferramenta nuclear para o aprofundamento do seu conhecimento, uma vez que o trabalho incluía objetivos mais latos que o mero levantamento.

O decurso do então ano escolar foi trazendo para as conversas de acompanhamento em aula o tema da arquitetura da época moderna, no seu diálogo entre as eventuais intervenções quinhentistas e a profunda reformulação setecentista do paço. Por entre negócios e títulos, por entre quintas do Barco e do Paço, o casamento de António Ramos com Catarina Capac Yupangui, de ascendência inca, aportava um detalhe exótico que estimulou o grupo de trabalho a explorar a filiação clássica das arquiteturas de um Portugal e Europa ultramarinos. Porém, as reformas durante o século XVIII empurravam os

estudantes, cada vez mais, para uma abordagem ao Barroco, nas suas componentes de encenação e teatralidade com que a aproximação ao edifício principal se fazia, como se de uma cerimónia de visita de tratasse. O frontispício simétrico fazia convergir para si, e para o escadorório de acesso ao *piano nobile*, os pontos de fuga de um pátio configurado em U. À entrada, apontamentos de erudição barroca triunfavam no recorte contracurvado da fachada da pequena capela. Não só o dinamismo barroco se assumia morfologicamente na articulação entre partes, como se adensava na carga decorativa que enfeitava panos verticais.

Das ‘casas queimadas’ após as Revoluções Liberais na primeira metade do século XIX, às transformações mais recentes, o Paço de Vitorino oferecia uma obra em aberto que instigava à retrospecção para lá do Barroco. Os alunos empreenderam, então, uma tarefa de especulação sobre as diferentes fases de formação e construção da quinta que veio a demonstrar a astúcia e perspicácia das suas observações. Apesar de protegidos pela liberdade académica que assiste este tipo de trabalho prático, com objetivos claros de colocação dos discentes perante a escala, os materiais, os processos e a historicidade de uma obra, o rigor pontuou sempre as conclusões.

Todavia, talvez mais que os resultados e os desenhos, creio ter sido o entusiasmo da descoberta do passado da casa que contagiou a família proprietária que, após o ano letivo, passou a cliente. Este convite para a elaboração do projeto de recuperação e reabilitação do Paço do Vitorino, que a Susana e o Paulo concluem agora, insere-se justamente na missão mais lata da academia, e em particular da Escola de Arquitetura, de interação com a sociedade e de extensão do conhecimento através dos seus formandos. Pessoalmente, congratulo-me com a oportunidade que estes alunos tiveram de, tão cedo, serem *arquitetos*.

Jorge Correia

EAUMinho | Lab2PT